

O sineiro Ole

No mundo, tudo ora sobe, ora desce, ora desce, ora sobe! Eu já não consigo subir mais alto! — costumava dizer Ole, o sineiro. — Subir e descer, descer e subir, todos temos de passar por isso! No fim das contas, todos nós nos tornamos sineiros: olhamos para a vida e para as coisas de cima para baixo.

Assim falava meu amigo Ole, o sineiro, um velho alegre e tagarela. Parecia que tudo o que lhe vinha à mente saía logo pela boca, mas ele guardava muito dentro do coração. Era de boa origem; diziam que era filho de um funcionário importante, ou que poderia tê-lo sido; recebeu educação, foi assistente de professor, depois assistente de sacristão, mas nada deu certo! Ole vivia às custas do sacristão, e naquela época ainda era jovem e gostava de se exhibir, como se diz; pois bem, ele exigia para suas botas graxa brilhante, enquanto o sacristão só lhe dava graxa comum, e foi por isso que não se entenderam. Um falou de avareza, outro de vaidade; a graxa tornou-se a causa negra de sua discórdia, e eles se separaram. Mas as exigências de Ole permaneceram as mesmas: ele passou a exigir graxa brilhante de todo o mundo, mas sempre recebia apenas graxa comum; assim, afastou-se dos homens e tornou-se eremita. Contudo, uma cela de eremita, ainda que com um pedaço de pão, só se encontra numa grande cidade no campanário. Foi para lá que Ole se retirou, passeando sozinho na torre, fumando seu cachimbo. Olhava para baixo, olhava para cima, e contava o que via e o que não via, o que lia nos livros e o que havia em sua alma. Eu frequentemente lhe fornecia livros, apenas bons: diga-me com quem andas e te direi quem és! Ole não gostava dos romances edificantes ingleses, nem dos franceses, feitos de vento e cabinhos de uva-passa. Pedia-me descrições da vida das pessoas e das maravilhas da natureza. Visitava Ole pelo menos uma vez por ano, geralmente pouco depois do Ano Novo: nessa época, meu amigo sempre tinha assunto para conversar, sempre havia algo reservado relacionado à mudança do ano.

Contarei aqui sobre duas visitas, procurando, na medida do possível, manter as próprias palavras de Ole.

Primeira visita

Entre os livros que dei a Ole da última vez, havia um sobre pedras erráticas; foi este que especialmente lhe agradou.

— Eis cujo jubileu deveríamos celebrar — o jubileu das pedras erráticas! — disse-me Ole. — E as pessoas passam por elas sem sequer notá-las. Eu mesmo fazia

isso, ao caminhar pelos campos e pelas margens, onde há centenas delas. Nas calçadas, esses restos da antiguidade grisalha são pisoteados com indiferença! E eu também fazia assim! Mas agora olho para cada pedra da calçada com profundo respeito! Obrigado por este livro! Ele capturou minha atenção, libertou-me de antigos preconceitos e hábitos e despertou em mim o desejo de ler mais livros como este. O romance da terra é, afinal, mais interessante que todos os romances! Lástima apenas que não possamos ler seus primeiros capítulos: estão escritos numa língua que não aprendemos; é preciso ler pelas camadas, pelas placas de sílex dos diversos períodos terrestres, e os personagens, Adão e Eva, só aparecem no sexto capítulo. Para alguns leitores, essa aparição parece um tanto tardia: querem personagens vivos logo no início do romance terrestre; quanto a mim, pouco importa. Sim, eis um romance de conteúdo fabuloso, e todos nós estamos nele representados! Nós nos debatemos, rastejamos, arrastamo-nos e — nada avançamos, enquanto a esfera gira e gira, sem derramar sobre nós o oceano. A crosta sobre a qual caminhamos é dura, de modo que não afundamos, e assim o romance se estende por milhões de anos, com a continuação ainda pela frente. Obrigado pelo livro sobre as pedras erráticas! Que sujeitos admiráveis! Se soubessem falar, teriam muito a contar! Na verdade, é divertido, sentado aqui no alto da torre, transformar-se em zero, lembrando que todos nós, com toda nossa graxa brilhante, nossas ordens, nosso progresso, somos apenas formigas efêmeras sobre um montículo terrestre! Sim, sentimos tão jovens em comparação com essas pedras milenares que até ficamos constrangidos. Li o livro justamente na véspera do Ano Novo e mergulhei tanto nele que esqueci de proporcionar-me meu prazer habitual — observar como "a horda selvagem galopa em Amager". Sim, vocês provavelmente não sabem disso!

Todos conhecem o voo das bruxas ao sabá; ocorre na noite de São João, e elas se reúnem no monte Brocken. Mas entre nós há nosso próprio sabá, nativo e moderno, em Amager, na noite de Ano Novo. Todos os maus poetas e poetisas, músicos, jornalistas e outras figuras artísticas inúteis voam na noite de Ano Novo pelos ares rumo a Amager; voam montados em pincéis ou penas de ganso — as de aço não servem: são duras demais, não se dobram. Como já disse, observo a viagem da horda selvagem todos os anos e poderia nomear muitos dos viajantes — mas não vale a pena meter-se nisso! Eles morrem de medo que as pessoas saibam de sua viagem noturna anual, montados em penas, até Amager, mas tenho uma parente distante, peixeira e fornecedora de palavrões para três jornais respeitados, como ela diz, e ela uma vez participou desse sabá como convidada. Levaram-na até lá, pois ela mesma não segura uma pena e não sabe montar. Pois bem, foi ela quem me contou tudo. Metade de suas histórias é mentira, mas a outra metade basta. A festa começou com cantos; cada convidado escreveu o seu e cantou o seu — afinal,

o dele era o melhor de todos! Mas não dá no mesmo? Todos cantavam no mesmo tom! Em seguida, os "trabalhadores da língua" marchavam em pequenos grupos. Havia ali os tocadores de sino que tocam pelas casas, e os pequenos tamborileiros que tamborilam nas famílias. Depois, aqueles que precisavam conheceram os escribas que lançam seus artigos sem assinatura — para que a graxa comum pareça graxa brilhante! Entre eles estava o carrasco e seu ajudante; este último era o mais afiado na língua — caso contrário, ninguém lhe daria atenção! Havia também o lixeiro, que despejava lixo de sua caixa, dizendo: "Bom, muito bom, extraordinariamente bom!" No auge da "alegria", brotou da vala comum um caule, uma árvore, uma flor monstruosa, um cogumelo enorme, um telhado inteiro; esta era a "árvore de Natal" da honrada assembleia; nela estavam penduradas todas as coisas que, durante o ano findo, haviam dado ao mundo. Dela choviam faíscas, como se fogos-fátuos voassem; eram pensamentos emprestados e ideias alugadas, das quais os participantes da festa se valiam; agora libertavam-se e subiam aos ares como fogos de artifício. Começou o jogo "a corda pega fogo"; os poetinhas jogavam "o coração pega fogo", os faladores lançavam gracejos — pois não podem fazer otherwise —, e os gracejos estrondavam, como se vasos vazios ou vasos com cinzas se quebrassem contra portas. Foi terrivelmente divertido — segundo palavras de minha parente! Na verdade, ela ainda despejou mais três caixas de observações maldosas, porém engenhosas, mas não as repetirei: é preciso ser gente boa, não crítico. Agora compreenderão que, sabendo de tal festa, não perco a oportunidade, anualmente, na noite de Ano Novo, de observar como galopa a horda selvagem. Em alguns anos, noto a falta de certos viajantes do ano anterior, mas normalmente surgem também alguns novos. Este ano, porém, perdi o espetáculo, rolando junto com as pedras erráticas através de milhões de anos. Vi como se destacavam das rochas do norte, rolavam para baixo, flutuavam em blocos de gelo muito antes da construção da arca de Noé, caíam na água, afundavam até o fundo e novamente emergiam junto com o banco de areia que dizia: "Aqui será a Zelândia!" Vi como essas pedras serviram de assento para espécies de aves desconhecidas, de trono para líderes de hordas selvagens, cujos nomes também ignoramos; vi, finalmente, como em algumas dessas pedras foram talhados sinais rúnicos com machado. A essas pedras, portanto, foi destinado um lugar na contagem do tempo, enquanto eu próprio perdi completamente toda noção de tempo, transformei-me em zero... Nesse momento, caíram do céu três ou quatro estrelinhas encantadoras, e meus pensamentos tomaram outro rumo. Vocês sabem o que são estrelas cadentes? Os cientistas, afinal, não sabem! Eu as vejo à minha maneira.

Quantas vezes as pessoas enviam um agradecimento secreto e silencioso a alguém que realizou algo belo e bom; esse agradecimento é sem som, mas não se perde em

vão. Segundo penso, esse agradecimento silencioso e oculto é captado por um raio solar, que então o deposita sobre a cabeça do benfeitor. Se acaso acontecer que um povo inteiro envie tal agradecimento

a um benfeitor já falecido, cai do céu sobre sua sepultura um buquê radiante — uma estrelinha. E sinto verdadeiro prazer em adivinhar, especialmente na noite de Ano-Novo, para quem é destinado esse buquê de gratidão. Da última vez, a estrela caiu na costa sudoeste; foi um obrigado a muitos, muitos! Mas a quem exatamente? Na minha opinião, a estrela certamente caiu na íngreme margem do fiorde de Flensburgo, onde o Dannebrog flutua sobre as sepulturas de Schleppegrell, Læssøe (Oficiais dinamarqueses que morreram heroicamente na primeira guerra dinamarquês-prussiana (1848-1850) — Nota do tradutor) e seus companheiros. Depois, certa vez, vi uma estrela deslizar até o próprio centro do país — para Sorø, sobre a sepultura de Holberg. Foi um obrigado de muitos leitores de suas comédias maravilhosas!

E que pensamento grandioso e alegre é saber que sobre tua sepultura cairá uma estrelinha dessas!... Sobre a minha não cairá nenhuma, nem um único raio de sol me trará um obrigado — não há por quê! Não consegui obter graxa brilhante; meu destino é contentar-me com lubrificante simples.

Segunda visita

No primeiro dia do Ano-Novo, subi ao campanário, e Ole falou sobre os brindes que se esvaziam por ocasião da passagem da velha "enrolação" — como ele chamou o ano — para o novo. Então ouvi dele a história das taças, e nela havia uma ideia nada má.

— Assim que o relógio, na noite de Ano-Novo, bater doze, as pessoas se levantam de seus lugares com taças cheias nas mãos e bebem à saúde do Ano-Novo. Começam o ano com taças nas mãos — bom começo para bêbados! Começam o ano indo dormir — bom começo para preguiçosos! E o sono e as taças realmente desempenham, durante o ano, um papel considerável! Mas sabem vocês o que há nas taças? — perguntou-me Ole. — Nelás há saúde, alegria e diversão! Mas nelas também há infortúnio e as maiores desgraças! Ao contar as taças, naturalmente refiro-me aos graus de embriaguez.

Eis a primeira taça, a taça da saúde! Nela cresce a flor da saúde; plante-a em sua casa — e no fim do ano estará sentado no pavilhão da saúde!

Pegue a segunda taça — dela voa uma passarinho; ele gorjeia inocente e alegremente; o homem escuta e involuntariamente acompanha seu canto: "A vida é bela! Não devemos baixar a cabeça! Avante com coragem!"

Da terceira taça voa uma pequena criatura alada; não se pode chamá-la de anjinho — pertence à raça dos duendes domésticos, mas não zomba, apenas brinca. Ela se agarra ao ouvido do homem e começa a sussurrar invenções engraçadas, deita-se sobre seu coração e o aquece de tal modo que o homem sente vontade de fazer travessuras e dizer gracejos, e realmente torna-se um espirituoso, na opinião de outros igualmente espirituosos.

Na quarta taça não há flor, nem passarinho, nem travesso alado; nela há uma linha traçada pela razão, além da qual nunca se deve passar.

Se porém pegares a quinta taça, chorarás por ti mesmo, comover-te-ás ou, ao contrário, farás barulho: da taça saltará com estrondo o príncipe Carnaval, desmedido na língua, louco!... Ele te arrastará, esquecerás tua dignidade — se é que a tens! Esquecerás muitas coisas, mais do que podes e ousas. Dança, canto, tinir de taças!... As máscaras te arrastam num redemoinho furioso... Diante de ti estão as filhas de Satanás em gaze e seda, com cabelos soltos, esbeltas, belas... Desprende-te delas, se puderes!

Sexta taça!... Nela já está o próprio Satanás, bem vestido, eloquente, atraente, um ser humano extremamente agradável! Ele compreende-te perfeitamente, acha que estás sempre certo em tudo, ele é teu segundo "eu"; ele aparece com uma lanterna para acompanhar-te até casa. Sim, numa antiga lenda conta-se sobre um santo que devia escolher um dos sete pecados capitais e escolheu, como lhe parecia, o menor — a embriaguez, mas graças a ela caiu em todos os demais. Na sexta taça há sangue de Satanás misturado com sangue humano. Basta bebê-la — todas as sementes malignas que se escondem em tua alma brotarão e cada uma crescerá, como a semente de mostarda do Evangelho, numa árvore inteira, capaz de cobrir com sua sombra o mundo todo. Para a maioria das pessoas, depois disso resta apenas ir para a fundição!

Eis-vos a história das taças! — concluiu Ole. — Pode ser servida com molho feito tanto de graxa brilhante quanto de lubrificante simples. Eu a sirvo com ambos.

Esta foi minha segunda visita a Ole; se quiseres ouvir mais, será preciso continuar as visitas (Sete anos depois (1868), o autor escreveu precisamente tal continuação sob o título "Dia da Mudança"; este conto será incluído nas "Obras Completas" em seu devido lugar. — Nota do tradutor).